

**Oficina, disciplina e controle social: a Escola Profissional Delfim Moreira para a “infância desvalida” em Pouso Alegre/MG (1917-1947)**

*Workshop, Discipline, and Social Control: the Delfim Moreira Vocational School for “Destitute” Childhood in Pouso Alegre/MG (1917–1947)*

*Oficina, disciplina y control social: la Escuela Profesional Delfim Moreira para la infancia “desvalida” en Pouso Alegre/MG (1917–1947)*

**Giovane Silva Balbino<sup>1</sup>**

 [0000-0002-7415-8711](https://orcid.org/0000-0002-7415-8711)

**Resumo:** O objetivo do artigo é analisar as diretrizes da Escola Profissional Delfim Moreira para a infância “desvalida” em Pouso Alegre - Minas Gerais, entre 1917 e 1947. A partir da imprensa local e de registros iconográficos, examina-se a educação profissional como mecanismo de assistência, disciplina e controle social. Argumenta-se que a instituição atuou na educação da infância pobre, articulando trabalho, moral cristã e formação produtiva.

**Palavras-chave:** “Infância desvalida”. Educação profissional. Disciplina. Políticas sociais. História da educação.

**Abstract:** This article examines the educational guidelines of the Delfim Moreira Vocational School for “destitute” childhood in Pouso Alegre/MG between 1917 and 1947. Based on local newspapers and iconographic records, it analyzes vocational education as a mechanism of assistance, discipline, and social control. It argues that the institution functioned as a space for the moral and productive formation of poor children, articulating labor, Christian values, and vocational training.

**Keywords:** “Destitute” childhood. Vocational education. Discipline. Social policies. History of education.

**Resumen:** El objetivo del artículo es analizar las directrices de la Escuela Profesional Delfim Moreira para la infancia “desvalida” en Pouso Alegre/MG, entre 1917 y 1947. A partir de la prensa local y de registros iconográficos, se examina la educación profesional como mecanismo de asistencia, disciplina y control social. Se sostiene que la institución actuó en la educación de la infancia pobre, articulando trabajo, moral cristiana y formación productiva.

**Palabras-clave:** “Infancia desvalida”. Educación profesional. Disciplina. Políticas sociales. Historia de la educación.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo - USP. Professor Substituto e Coordenador do Curso de História da Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG, unidade Campanha. *Lattes:* [1270077742510528](https://lattes.cnpq.br/1270077742510528) - *E-mail:* [giovanesilvabalbino15@gmail.com](mailto:giovanesilvabalbino15@gmail.com).



## **Introdução**

Nas últimas décadas, a História das Infâncias e Juventudes consolidou-se como campo de investigação atento à pluralidade das experiências infantis e às formas históricas de sua regulação social. No contexto latino-americano, esse movimento historiográfico deslocou o olhar da infância concebida como categoria abstrata e universal para as múltiplas infâncias socialmente situadas, atravessadas por marcadores de classe, raça, gênero, geração e territorialidade. Nesse horizonte interpretativo, a noção de infância “desvalida” não pode ser compreendida como mera designação da pobreza, mas como categoria histórica produzida por discursos jurídicos, educacionais, médicos e religiosos que legitimaram práticas de tutela, correção e disciplina.

Entre o final da Primeira República (1889-1930) e o período varguista (1930-1945), a infância pobre tornou-se objeto privilegiado de políticas de assistência e de educação profissional no Brasil (Fausto, 2018). A ampliação da escolarização primária, a valorização do trabalho como princípio educativo e a crescente institucionalização da assistência integraram um projeto mais amplo de modernização social (Rizzini, 2008; Veiga, 2007). Tal projeto buscava formar sujeitos produtivos, moralmente ajustados e socialmente úteis, convertendo a pobreza em força de trabalho disciplinada. Nesse contexto, a educação profissional assume dupla função: instrumento de inserção econômica e tecnologia de governo das condutas populares.

No que se refere à produção historiográfica sobre a educação profissional e as instituições de assistência em Pouso Alegre - Minas Gerais, observa-se que, embora ainda incipiente em comparação a outras regiões do país, há um conjunto de estudos que permite situar a Escola Profissional Delfim Moreira no interior de um projeto mais amplo de organização social e educacional das classes populares (Balbino, 2020; 2025; Espíndola, 2016). Pesquisas anteriores evidenciam que, nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Pouso Alegre foi marcada pela atuação articulada entre Igreja Católica, poder público e elites locais na criação de instituições de caridade, ensino e formação profissional destinadas à população pobre, especialmente as crianças órfãs (Gouvêa, 1998).

Nesse contexto, a Escola Profissional Delfim Moreira, fundada em 1917, integrou um conjunto de iniciativas educacionais e assistenciais que incluíam também o Orfanato Nossa



Senhora de Lourdes e a Escola Doméstica Santa Terezinha, compondo uma rede institucional voltada à formação moral, religiosa e produtiva dos sujeitos sociais considerados “desvalidos”. A literatura demonstra que tais instituições não podem ser compreendidas apenas como espaços de ensino, mas como instrumentos de intervenção social, orientados por valores da doutrina católica e por interesses das elites locais na organização do trabalho e na regulação da pobreza.

Estudos mais recentes aprofundam essa interpretação ao evidenciar que a atuação da Diocese de Pouso Alegre, especialmente sob a liderança de Dom Octávio Chagas de Miranda, esteve vinculada a estratégias de consolidação de poder e de manutenção da ordem social, por meio da articulação com a imprensa e com grupos políticos regionais (Balbino, 2025). Nesse sentido, a educação profissional assumiu papel central como mecanismo de disciplinarização das classes populares, articulando assistência, moralização e inserção produtiva em consonância com projetos mais amplos de modernização e controle social.

Dessa forma, ao analisar a Escola Profissional Delfim Moreira, o presente estudo dialoga com essa produção, buscando avançar na compreensão das diretrizes institucionais e das práticas educativas que contribuíram para a construção histórica da infância “desvalida” em Pouso Alegre, enfatizando as relações entre educação, trabalho e disciplina no contexto regional sul-mineiro.

O recorte temporal adotado, entre 1917 e 1947, permite acompanhar tanto a fundação e consolidação da instituição quanto às transformações decorrentes da intensificação das políticas sociais durante o Estado Novo (1937-1945) e das mudanças nos mecanismos de financiamento público e privado. Diante disso, o presente artigo problematiza: de que modo a Escola Profissional Delfim Moreira participou da construção social da infância desvalida em Pouso Alegre? Parte-se da hipótese de que a instituição operou simultaneamente como espaço de assistência e como mecanismo de disciplina moral do trabalho, articulando valores da doutrina social católica, projetos de modernização regional e práticas de formação técnico-profissional.

O *corpus* documental analisado é composto por exemplares dos periódicos *Semana Religiosa*, *Gazeta de Pouso Alegre* e *A Razão*, publicados entre os anos de 1917 e 1947, selecionados em função das referências à Escola Profissional Delfim Moreira, às oficinas profissionalizantes, às práticas assistenciais e às ações educativas voltadas à infância pobre



em Pouso Alegre. A pesquisa concentrou-se na análise de notícias, editoriais, anúncios publicitários e notas institucionais que possibilitaram compreender as representações construídas acerca da educação profissional e do papel social desempenhado pela instituição no contexto regional. Paralelamente, foram examinados registros iconográficos preservados no acervo do Museu Municipal Tuany Toledo, incluindo fotografias das oficinas, dos alunos, dos espaços escolares e das atividades produtivas desenvolvidas pela escola. A articulação entre imprensa e fotografia permitiu analisar não apenas os discursos produzidos sobre a instituição, mas também as formas visuais de representação do trabalho, da disciplina e da formação moral dos aprendizes, ampliando as possibilidades interpretativas acerca da construção histórica da infância “desvalida” em Pouso Alegre.

No tratamento do material de imprensa, adotaram-se os procedimentos metodológicos propostos por Lang (1999), que orientam a análise a partir de cinco dimensões fundamentais: (1) a orientação político-ideológica do periódico e os interesses do grupo social que o sustenta; (2) a localização da matéria no interior do jornal - editorial, manchete, nota secundária ou comentário; (3) a identificação da autoria, quando existente; (4) a comparação entre diferentes versões de um mesmo acontecimento; e (5) o fichamento sistemático das notícias. A perspectiva de Bontempi Jr. (2019) contribui para aprofundar essa abordagem ao compreender os jornais como “arenas” de disputas simbólicas, nas quais intelectuais e grupos sociais formulam e difundem projetos políticos, culturais e educacionais, participando da construção de imaginários coletivos.

No que se refere às fotografias, parte-se das concepções de Ciavatta (2002), para quem os registros iconográficos constituem monumentos históricos capazes de traduzir valores, ideias, tradições e comportamentos, sendo produzidos no interior das experiências humanas e das estruturas econômicas, sociais, culturais e políticas de seu tempo histórico. Nessa mesma direção, Kossoy (2014) compreende a fotografia como construção histórica e socialmente produzida, marcada pelas intencionalidades e pelos contextos de sua produção.

Assim, a utilização articulada entre fotografias e demais fontes documentais, especialmente os jornais, possibilitou interpretar tanto os discursos quanto às representações visuais relacionadas à educação profissional e às práticas de disciplinamento da infância pobre em Pouso Alegre. Desta forma, ao analisar a Escola Profissional Delfim Moreira, busca-se compreender as formas históricas de governar as infâncias populares no interior dos



processos de modernização brasileira nas primeiras décadas do século XX, evidenciando as tensões entre caridade e direito, tutela e formação, disciplina e possibilidades, ainda que limitadas de mobilidade social.

O artigo está organizado em duas partes principais. Inicialmente, analisa-se a constituição da Escola Profissional Delfim Moreira no contexto das políticas educacionais e assistenciais voltadas à infância pobre em Pouso Alegre. Em seguida, examinam-se as oficinas, suas práticas educativas e os mecanismos de disciplina e formação moral. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

### **As oficinas e o papel na infância “desvalida” em Pouso Alegre**

A Escola Profissional Delfim Moreira foi instituída com o propósito de acolher e instruir meninos pobres e órfãos do município de Pouso Alegre, integrando-se ao conjunto de iniciativas educacionais destinadas às classes populares nas primeiras décadas do século XX. Sua estrutura curricular articulou com o ensino primário às oficinas de carpintaria, sapataria, marcenaria, tipografia, artes e agricultura, combinando alfabetização, formação moral e aprendizagem de ofícios manuais.

Concebida para atender os chamados “desfavorecidos da fortuna”, a instituição assumiu a profissionalização como eixo central de sua proposta pedagógica, orientando a formação dos alunos para atividades manuais vinculadas tanto aos ofícios urbanos e industriais quanto às práticas agrícolas. Dessa forma, a escola se configurava não apenas como espaço de instrução elementar, mas como mecanismo de inserção produtiva das camadas populares, articulando assistência, moralização e qualificação para o trabalho. As inaugurações de novas oficinas eram amplamente celebradas pela imprensa local, que lhes atribuía significado para além da ampliação física da instituição.

*A Gazeta de Pouso Alegre* do ano de 1919, detalhou o seguinte:

A Escola profissional, oficina onde se fazem cidadãos, aptos em futuro a serem úteis à sociedade, e, ao progresso de nossa pátria, é também para bem alto render agradecimento ao Sr. Bispo D. Octavio (*Gazeta de Pouso Alegre*, 10 ago. 1919, p. 2).

A Escola Profissional era apresentada como espaço privilegiado de formação de trabalhadores “produtivos” e “úteis”, qualificações reiteradamente associadas ao ideal de progresso que marcava o discurso das elites regionais. A expansão das oficinas inscrevia-se,



assim, no dilema da modernização, vinculada aos impulsos industriais, à urbanização e à reorganização das relações de trabalho na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX.

No primeiro ano de funcionamento, a instituição contava com dezessete alunos, distribuídos entre diferentes oficinas. Desde os meses iniciais, a especialização dos ofícios manuais foi celebrada pela memória oficial como marco de sucesso do empreendimento. A formação oferecida aos meninos estava assentada nos princípios cristãos e na doutrina social católica, que concebiam o trabalho como instrumento de elevação moral e de ordenamento social. Como observa Ciavatta (2009), a educação profissional, nesse contexto, era legitimada como iniciativa que respondia simultaneamente aos sentimentos morais e religiosos da época e às demandas nacionais da indústria nascente. Assim, a escola operava na intersecção entre assistência, moralização e preparação técnica, configurando-se como peça estratégica no projeto de construção de uma ordem social fundada no trabalho disciplinado e na harmonia entre as classes.

O projeto de educação profissional estruturado em torno da Escola Profissional Delfim Moreira articulou, de modo indissociável, a valorização do trabalho manual e a difusão dos princípios da doutrina social católica. Em sua trajetória inicial, a instituição foi apresentada como peça fundamental tanto para o progresso da nação quanto para o desenvolvimento moral e econômico da sociedade pousoalegrense. Trabalho e fé apareciam, assim, como eixos complementares de um mesmo projeto civilizatório.

Nesse contexto, as oficinas assumiram um papel central no preparo dos órfãos e meninos pobres para o trabalho considerado honrado e disciplinado. A educação profissional era concebida como instrumento de desenvolvimento econômico e, simultaneamente, como mecanismo de organização racional da hierarquia laboral, abrangendo desde aqueles que exerciam funções de direção até os trabalhadores mais modestos (Queluz, 2000). A atuação da Igreja Católica revelou-se estratégica nesse processo: ao articular o apoio de políticos, famílias tradicionais, comerciantes e fazendeiros, a instituição consolidou-se como mediadora entre assistência social, formação técnica e disciplinamento moral da futura classe trabalhadora local. Segundo Cunha (2005), o ensino profissional possuía uma concepção preventiva e corretiva direcionada às classes populares; contudo, essa função de disciplinar



articulou-se com às demandas do desenvolvimento industrial em escala regional e nacional, exigindo a constituição de uma força de trabalho técnica e especializada.

O crescimento das manufaturas na região sul-mineira reforçava esse cenário, favorecendo a consolidação de uma economia com traços industriais. Educar crianças, significava intervir diretamente nos modos de vida populares, promovendo processos de disciplina que encontravam nas oficinas seu principal instrumento (Queluz, 2000). A Escola Profissional, nesse sentido, não apenas formava aprendizes, mas também publicizava as “vantagens” e os “benefícios” da aquisição de produtos manufaturados por seus alunos, integrando pedagogia e mercado. Ao noticiar, em 1927, as oficinas em funcionamento, o jornal *Semana Religiosa* associava a qualificação técnica à utilidade econômica, dirigindo-se à sociedade pousoalegrense com claro apelo à contratação de serviços e à valorização do trabalho produzido no interior da instituição.

Seções da Escola

**Funcionário em 1927 as secções de typographia, sapataria, escultura, carpintaria e agricultura.**

Os serviços devem ser contratados com os chefes desses serviços e a elles deve ser feito o **respectivo pagamento**. Esses mesmos chefes das diversas secções farão a **aquisição das materias para as oficinas, sob sua responsabilidade**.

(*Semana Religiosa*, 19 fev. 1927, p. 2) (grifos nossos).

A instabilidade econômica impactou diretamente o suprimento de recursos da Escola Profissional, exigindo estratégias alternativas de manutenção financeira. Nesse contexto, a comercialização das mercadorias produzidas nas oficinas passou a desempenhar dupla função: garantir a sustentabilidade institucional e inserir os alunos no ritmo e na lógica da produção manufatureira. Ao articular aprendizagem técnica e prática produtiva, a escola não apenas formava aprendizes, mas também os introduzia nas exigências da organização do trabalho, reforçando padrões de disciplina, eficiência e responsabilidade.

A Oficina Artística destacou-se na formação de trabalhadores especializados na confecção de bustos, estátuas, pinturas sacras e ornamentos destinados a instituições políticas e religiosas, além de imagens de santos católicos.

**Figura 1** - Alunos na Oficina Artística da Escola Profissional Delfim Moreira, do ano de 1935



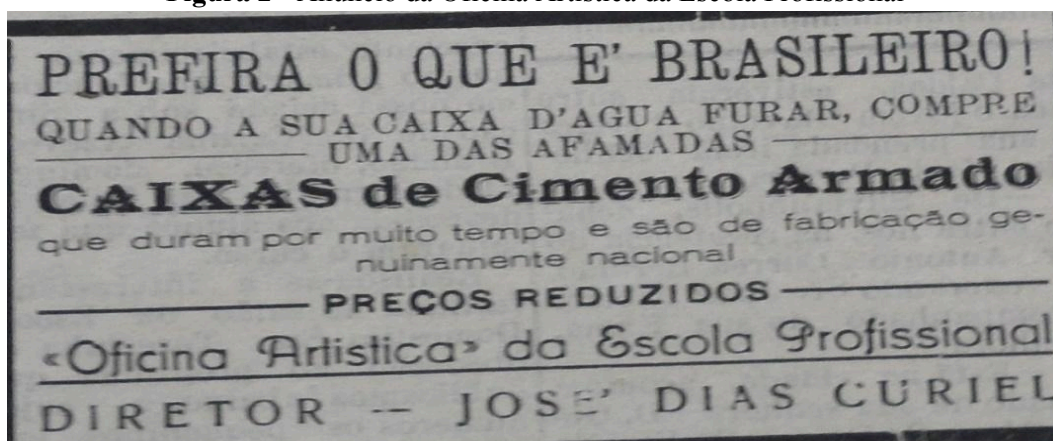
*Fonte:* Disponível no Acervo do Museu Municipal Tuany Toledo.

A aprendizagem desse ofício implicava domínio técnico, destreza manual e adequação a padrões estéticos e simbólicos vinculados à cultura católica. Assim, a prática artística não se restringia ao âmbito formativo; ela integrava-se ao circuito econômico local, contribuindo para a geração de receita por meio da venda das peças produzidas e para o atendimento das demandas das manufaturas e instituições da região. Na fotografia a seguir, observam-se os aprendizes no exercício do ofício artístico, inseridos em um ambiente que conjuga trabalho, disciplina e aprendizagem sob a supervisão institucional, revelando materialmente essa articulação entre formação técnica, moralização e controle hierárquico. O trabalho artístico, longe de representar apenas exercício criativo, inscrevia-se em uma pedagogia da precisão e da obediência, na qual destreza manual e conduta moral eram indissociáveis. Segundo os editores da imprensa local, a oficina desfrutava de prestígio, sendo suas mercadorias reiteradamente qualificadas pela “qualidade” e “excelência”, atributos que reforçavam a imagem pública da instituição e legitimavam sua inserção no mercado regional.

A relevância das encomendas evidencia o papel econômico das oficinas na sustentação da escola e na formação de sua reputação social. Nesse sentido, um anúncio publicado no jornal *A Razão* destaca-se por mobilizar explicitamente a linguagem do “patriotismo” como estratégia publicitária dos serviços da Oficina Artística. Ao associar a produção manufatureira ao dever cívico e ao progresso nacional, o discurso publicitário

ampliava o alcance simbólico do trabalho realizado pelos aprendizes, convertendo a contratação de serviços não apenas em transação comercial, mas em gesto de compromisso com a pátria e com o projeto moral e produtivo defendido pelas elites locais.

**Figura 2** - Anúncio da Oficina Artística da Escola Profissional



Fonte: *A Razão*, 18 mar. 1937, p. 3.

O apelo ao patriotismo, presente no anúncio, reforçava a associação entre a Escola Profissional e o ideário de progresso nacional e regional. Ao vincular os serviços prestados pela instituição ao desenvolvimento da pátria, o discurso publicitário ultrapassou a dimensão econômica, convertendo a contratação das oficinas em ato cívico. A proximidade do jornal *A Razão* com o bispo D. Octávio Chagas de Miranda evidencia como a imprensa local operava em consonância com os projetos sociais da Igreja Católica, funcionando como veículo de legitimação simbólica da obra educativa. O nacionalismo, nesse contexto, articulou-se no processo de industrialização e modernização da sociedade brasileira, fornecendo linguagem política capaz de integrar formação técnica, moral cristã e desenvolvimento econômico.

Entre as oficinas, a Tipografia ocupou posição de destaque no cenário local. Responsável pela impressão da *Semana Religiosa* que, a partir de 1917, passou a ser produzida em oficinas próprias, a tipografia consolidou-se como espaço estratégico de circulação de ideias e de sustentação material da imprensa católica. Além da produção do periódico oficial da escola, *O Trabalho*, a oficina ampliou sua atuação na confecção de envelopes, cadernos e outros impressos, integrando-se ao mercado regional de produtos gráficos. Dessa forma, a Tipografia associou-se com a formação profissional, difusão



ideológica e inserção econômica, reafirmando o papel da Escola Profissional como núcleo de produção material e simbólica na sociedade pousoalegrense.

O jornal *Semana Religiosa* empenhou-se em destacar os resultados alcançados pelas oficinas, sobretudo no que se refere à formação de trabalhadores qualificados e à consolidação de trajetórias profissionais no interior da própria instituição. A nomeação de um ex-aluno para a direção da Oficina de Tipografia foi apresentada como prova concreta do êxito pedagógico da escola, reforçando a ideia de continuidade e aperfeiçoamento interno do projeto formativo. Ao enfatizar essa trajetória, a imprensa reiterou o papel da Escola Profissional na constituição de sujeitos aptos ao exercício do ofício e comprometidos com os valores do trabalho digno, associado à figura do “homem patriótico e cristão”.

Escola Profissional Delfim Moreira

Com real vantagem para este **instituto de artes e officios**, o nosso Prelado caba de **contractar a direcção das officinas graphicas desta folha com o sr. José Carlos de Miranda**, habil e intelligente artista graphico educado no mesmo estabelecimento, o qual, depois de varios annos de ausencia, **vem prestar o seu concurso no desenvolvimento da Typographia da Escola**, para que conta com o apoio dos amigos e protectores da casa.

Motivo de satisfação é a noticia que ora publicamos, porquanto ella demonstra que os esforços do nosso Bispo não foram em vão e começam a surgir o primeiro fructos do trabalho da formação profissional no sul de Minas. Trata se do **1º alumno da Escola Profissional que pelas suas qualidades conquistou o posto de chefe e administrador das proprias officinas onde aprendeu a arte**.

Damos parabens ao Exmo. Sr. Bispo pelo contracto realisado com o **sr. José Carlos de Miranda**, a quem desde 15 de Janeiro está affecto a direcção destas officinas e com quem se entenderão d’ora em diante todos os interessados relativamente à materia paga da ‘Semana Religiosa’ e a impressos.

(*Semana Religiosa*, 5 jan. 1927, p. 2) (grifos nossos).

A contratação de José Carlos de Miranda para assumir a direção da tipografia, por iniciativa do bispo diocesano, foi celebrada com entusiasmo pelos periódicos locais. O episódio foi interpretado como marco de reorganização e fortalecimento da oficina, simbolizando a maturidade institucional da escola e a capacidade de formar quadros técnicos aptos a ocupar posições de liderança. Mais do que simples substituição administrativa, o acontecimento foi convertido em narrativa de sucesso formativo, reafirmando a articulação entre qualificação profissional, disciplina moral e compromisso cívico que sustentava o projeto educacional da instituição.

Outra oficina de destaque no quadro curricular da Escola Profissional foi a de Carpintaria e Marcenaria, cuja atuação se evidenciava tanto na qualificação técnica dos aprendizes quanto na inserção de seus produtos no mercado local. Como se observa na

fotografia a seguir, o espaço da oficina materializa a dimensão disciplinar do trabalho manual, revelando a organização do ambiente produtivo e a centralidade da aprendizagem prática na formação dos alunos.

**Figura 3** - Alunos presentes na oficina de Carpintaria e Marcenaria da Escola Profissional.



*Fonte:* Disponível no Acervo do Museu Municipal Tuany Toledo.

A oficina de Carpintaria e Marcenaria tinha como finalidade a formação de trabalhadores habilitados para o exercício dos ofícios de marceneiro e carpinteiro, capacitando os aprendizes na produção de móveis domésticos como armários, guarda-roupas, mesas, na confecção de estruturas para edificações e em outros artefatos derivados do uso da madeira. A aprendizagem técnica articulou com o domínio de ferramentas, precisão no entalhe e compreensão das etapas produtivas, inserindo os alunos na lógica do trabalho manufatureiro. Essa formação respondia às demandas da sociedade local, que experimentava a dinamização de seu setor manufatureiro nas primeiras décadas do século XX.

Ao mesmo tempo em que aprendiam a produzir móveis e estruturas em madeira, os alunos vislumbravam possibilidades concretas de inserção profissional em Pouso Alegre, onde atuavam manufaturas como Antonio Rigoti & Filhos, Izidoro Tiburcio & Filhos, Alfredo Maracanchini e Antônio Bigole & Filhos, conforme registra Marson (2017). Desse modo, a oficina não apenas transmitia competências técnicas, mas integrava os aprendizes a

um mercado de trabalho em expansão, articulando qualificação, expectativa de mobilidade social e disciplina produtiva.

**Figura 4** - Anúncio da Oficina de Marcenaria e Carpintaria da E. Profissional



*Fonte: Semana Religiosa, 7 set. 1935, p. 4.*

A divulgação dos produtos manufaturados pelos aprendizes desempenhava uma dupla função: valorizava publicamente o trabalho discente e assegurava recursos para a manutenção das oficinas. Ao expor a qualidade técnica das peças produzidas, a instituição legitimava sua proposta formativa e fortalecia sua inserção no mercado local. Esse processo implicou, inclusive, a incorporação de maquinaria moderna, como equipamentos movidos à eletricidade, indicando que a qualificação oferecida não se limitava ao artesanato tradicional, mas acompanhava transformações técnicas associadas à modernização produtiva.

No que se refere à Oficina Agrícola, Nagle (2009) observa que o ensino ali ministrado não se distinguia substancialmente do modelo técnico-profissional, uma vez que se orientava pela especialização de trabalhadores em consonância com a expansão das técnicas produtivas. Aos meninos eram atribuídas tarefas relacionadas aos trabalhos manuais com diferentes tipos de materiais, à operação de aparelhos tecnológicos e às atividades agrícolas (Garner, 2013), evidenciando a divisão social do trabalho no interior da escola e a distribuição de funções

conforme as demandas formativas e econômicas. A organização dessas atividades não se restringia à aprendizagem técnica dos ofícios, mas integrava um projeto pedagógico voltado à disciplina dos corpos e à formação moral dos aprendizes. Ao inserir os alunos em rotinas produtivas marcadas pela hierarquia, pela obediência e pela regularidade do trabalho, a instituição buscava formar trabalhadores adaptados às exigências econômicas e sociais do período, reforçando valores associados à utilidade, à ordem e à produtividade.

A Oficina Agrícola constituía o principal espaço de preparação para o trabalho rural. A fotografia apresentada a seguir materializa esse projeto formativo: nela, os aprendizes seguram enxadas como instrumento-símbolo da atividade agrícola, cuja presença não é casual.

**Figura 5** - Alunos na Oficina Agrícola da Escola Profissional Delfim Moreira, em 1934



*Fonte:* Disponível no Acervo do Museu Municipal Tuany Toledo.

A enxada personifica o valor moral atribuído ao trabalho no campo, reiterando a associação entre labor, disciplina e dignidade do homem rural. A imagem, portanto, não apenas registra uma prática pedagógica, mas comunica visualmente a centralidade do trabalho agrícola na construção de uma identidade produtiva para os meninos pobres inseridos na instituição. Ao ensinar o manejo da terra e as técnicas de produção agrícola, a Oficina Agrícola integrava formação pedagógica e prática produtiva. Os aprendizes cultivavam hortaliças, legumes e tubérculos destinados ao consumo local e regional,



inserindo a escola no circuito econômico da cidade. A própria imprensa reforçava essa dimensão mercantil, como se observa no anúncio: “Verduras procurem na horta da Escola Profissional Delfim Moreira Pouso Alegre MINAS” (*Semana Religiosa*, 26 mar. 1938, p. 3). A horta escolar, portanto, não era apenas espaço didático, mas unidade produtiva voltada ao abastecimento e à geração de recursos.

O ensino agrícola articulou-se com as práticas mais amplas de produção, incluindo cultivo de fumo e café, fabricação de queijo, aguardente, cera bruta e velas, além da criação de gado e pequenos animais. Tais atividades evidenciam a intenção de formar trabalhadores aptos a atuar no setor primário da economia regional, em consonância com o perfil produtivo do Sul de Minas. Paralelamente, a década de 1930 registrou crescimento significativo da malha industrial pouso-alegrense (Marson, 2017), enquanto experiências como a colônia agrícola Francisco Sales reforçou a centralidade da produção de alimentos na economia local. A escola, assim, posicionou-se na interface entre industrialização emergente e permanência da vocação agrícola.

Os anúncios analisados evidenciam a diversidade de serviços prestados pelas oficinas e a amplitude da produção discente. Não há indícios de remuneração direta aos alunos pela confecção das mercadorias, o que sugere que o trabalho realizado contribuía para a manutenção financeira da própria instituição. Mais do que afirmar uma extração direta de mais-valia, é possível compreender essas práticas como estratégia de autofinanciamento, na qual a renda das oficinas auxiliava na aquisição de materiais e na sustentação das atividades escolares (Cunha, 2005).

### **Considerações Finais**

Ao problematizar o papel da Escola Profissional Delfim Moreira na conformação da infância “desvalida” em Pouso Alegre entre 1917 e 1947, este estudo buscou demonstrar que a instituição operou simultaneamente como espaço de assistência, formação técnica e disciplinamento moral. Longe de se restringir a uma obra filantrópica ou a um estabelecimento de ensino profissional, a escola configurou-se como dispositivo da diocese de Pouso Alegre para a infância pobre, articulando caridade, trabalho e nacionalismo em um projeto pedagógico alinhado aos processos de modernização social do período.



As oficinas (Artística, Tipografia, Carpintaria e Marcenaria e Agrícola), constituíram o núcleo estruturante dessa experiência. Nelas, a aprendizagem do ofício era indissociável da internalização de valores como disciplina, obediência, hierarquia e zelo produtivo. A rotina de trabalho, a supervisão dos mestres, a premiação dos alunos e a vigilância moral exercida pela Diocese revelam que o ensino profissional se inscrevia em uma pedagogia do corpo e da conduta, orientada à formação de trabalhadores úteis, patrióticos e cristãos. Nesse sentido, a disciplina não era mero elemento organizacional, mas categoria estruturante da formação oferecida.

A análise das fontes, especialmente da imprensa local e das fotografias, evidenciou ainda que a produção das oficinas ultrapassou a dimensão pedagógica, integrando-se ao circuito econômico regional. A comercialização de mercadorias, os anúncios publicitários e a busca por “protetores” demonstram que o autofinanciamento institucional estava articulado à inserção dos aprendizes na lógica produtiva. Ensino e produção coexistiam, reforçando a ideia de que a formação técnica era simultaneamente instrumento de qualificação e mecanismo de integração disciplinada ao mercado de trabalho.

Em escala regional, a experiência da Escola Profissional Delfim Moreira revela como projetos nacionais de educação profissional e assistência à infância foram apropriados e reinterpretados no interior das dinâmicas locais. A articulação entre Igreja Católica, poder público e elites econômicas demonstra que a formação das infâncias populares estava inserida em redes de poder que combinavam filantropia, interesses econômicos e construção simbólica do progresso.

Ao contribuir para a História das Infâncias e Juventudes na América Latina, este estudo reforça a necessidade de compreender as instituições educacionais não apenas como espaços de escolarização, mas como arenas de produção de subjetividades e de organização das hierarquias sociais. A infância “desvalida”, longe de ser categoria estática, revela-se construção histórica situada, atravessada por disputas, expectativas de mobilidade e estratégias de controle. Nesse entrelaçamento entre oficina e disciplina, delineia-se uma das formas pelas quais o Brasil das primeiras décadas do século XX buscou governar suas infâncias pobres, moldando trabalhadores e cidadãos segundo os imperativos do trabalho, da fé e do progresso.



Giovane Silva Balbino

*Oficina, disciplina e controle social: a Escola Profissional Delfim Moreira para a “infância desvalida” em Pouso Alegre/MG (1917-1947)*

## Fontes

Acervo do Museu Municipal Tuany Toledo em Pouso Alegre.

*A Razão*, Pouso Alegre, 18 mar. 1937, p. 3.

*Gazeta de Pouso Alegre*, Pouso Alegre, 10 ago. 1919, p. 2.

*Semana Religiosa*, Pouso Alegre, 5 jan. 1927, p. 2

*Semana Religiosa*, Pouso Alegre, 19 fev. 1927, p. 2.

*Semana Religiosa*, Pouso Alegre, 7 set. 1935, p. 4.

*Semana Religiosa*, Pouso Alegre, 26 mar. 1938, p. 3

## Referências

Balbino, Giovane Silva. **A Igreja Católica e o Estado na educação profissional em Pouso Alegre - MG (1917-1947)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2020.

Balbino, Giovane Silva. **O bispado, a imprensa e a educação: um estudo das articulações políticas e sociais em Pouso Alegre/MG (1916-1937)**. Tese (Doutorado em Cultura, Filosofia e História da Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2025.

Bontempi Jr., Bruno. **Histórias de intelectuais, suas ideias e ações na imprensa e na educação paulista (século XX)**. Tese (Livre Docência em História da Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.

Ciavatta, Maria. **Mediações históricas de trabalho e educação: gênese e disputas na formação dos trabalhadores (Rio de Janeiro, 1930-60)**. Rio de Janeiro: Lamparina; CNPq; Faperj, 2009.

Ciavatta, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900 – 1930)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Cunha, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. 2ª Ed. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: FLACSO, 2005.

Espíndola, Elizabete Maria. A criação da Escola Profissional Delfim Moreira em Pouso Alegre – MG. **Argumentos Pró-Educação**, v. 1, n. 2, p. 298 – 315, 2016.

Fausto, Boris. **História Concisa do Brasil**. Colaboração de Sérgio Fausto, 3ª Ed, Atual. e Ampl., 1ª Reimp., São Paulo: Ed. USP, 2018.



Giovane Silva Balbino

*Oficina, disciplina e controle social: a Escola Profissional Delfim Moreira para a “infância desvalida” em Pouso Alegre/MG (1917-1947)*

Garner, Ana Clara Oliveira Santos. **O discurso sobre educação profissional nos jornais de Belo Horizonte – 1896 a 1926**. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica). Belo Horizonte: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2013.

Gouvêa, Octávio Miranda. **A História de Pouso Alegre**. Borda da Mata/MG: Art's Gráficas e Editora Imagem, 1998.

Kossoy, Boris. **Fotografia & História**. 5º Ed., São Paulo/SP: Ateliê Editorial, 2014.

Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo. Documentos e depoimentos na pesquisa histórico-sociológica. In: Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo *et al.* (Orgs.) **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU/Humanitas, 1999, v. 3, p. 59-72.

Marson, Michel Deliberali. A indústria de transformação no Sul de Minas Gerais, 1907-1937. **História Econômica & História de Empresas**, v. 20, n. 1, p. 153-184, 2017.

Nagle, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

Queluz, Gilson Leandro. **Concepções de Ensino técnico na República Velha 1909-1930**. Curitiba: Editora CEFET-PR, 2000.

Rizzini, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para infância no Brasil**. 2ª Ed. Rev. São Paulo: Cortez, 2008.

Veiga, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

**Submetido em:** 22 de fevereiro de 2026

**Avaliado em:** 15 de abril de 2026

**Aceito em:** 12 de maio de 2026